

Opinião

Diário da Manhã

2 Goiânia, segunda-feira, 22 de maio de 2000

ARTIGO

O 'UM CINCO UM' DE FHC

Luís César Bueno

Há algumas semanas (a lei determina o pagamento até o 5º dia útil do mês), os trabalhadores que ganham salário mínimo receberam o salário no valor de R\$ 151,00. Muito ou pouco? Para alguns membros do governo "dá e ainda sobra", o que se pressupõe que é muito. Só que a resposta não deve vir dos membros do governo, eles não ganham salário mínimo, a resposta deve vir dos 28 milhões de brasileiros que o recebe.

A população economicamente ativa no Brasil é atualmente em torno de 69,9 milhões de pessoas, destes, 20,7 milhões trabalham com carteira assinada. Segundo estudos do Ipea, "2,1 milhões de pessoas do setor formal do mercado de trabalho (trabalhadores com carteira assinada são 20,7 milhões) recebem um salário mínimo por mês. As estimativas de trabalhadores do setor informal que ganham um salário mínimo estão em torno de 10 milhões e em relação aos aposentados brasileiros, o número é de 12,2 milhões."

Em 1943, de acordo com um estudo feito pelo Ministério do Trabalho em conjunto com o

IBGE, o mínimo correspondia a US\$ 150,28. O salário mínimo cobria as despesas básicas com saúde, educação, habitação, transporte, alimentação e outros gastos para manter a sobrevivência do trabalhador da época. Nesta semana, o trabalhador que ganha um salário mínimo estará recebendo US\$83,79. Numa análise simples, nos últimos 50 anos o valor do salário mínimo, em dólar, foi multiplicado por 5,48 vezes, em relação ao valor, em dólar, de 1943. No mesmo período o PIB cresceu 60 vezes. Numa comparação simples, sem considerar outros dados econômicos, se o crescimento do salário acompanhasse o crescimento do PIB, teríamos um salário mínimo equivalente a US\$ 916,8, ou seja, R\$ 1.652,07.

Mas, entre os números e a realidade, há governo e trabalhadores. O governo usa a insensibilidade dos números para justificar as "dificuldades econômicas em que passa o país", a qual "todos" devem submeter ao sacrifício para garantir a estabilidade.

Acima, falamos dos que ganham um salário mínimo, dos que fazem parte das estatísticas do governo, mas e os que ganham menos de um salário mínimo?

Com esse governo que está aí será possível incluir os milhões de excluídos que sobrevivem com menos de um salário mínimo?

No Brasil e no mundo, o capitalismo reina como nunca. A globalização nada mais é do que uma das formas de concentrar a riqueza nas mãos de poucos (países e/ou empresas). O Brasil está, há muito, inserido nesta lógica — há 500 anos estamos em franca globalização. A riqueza produzida internamente ou está indo pra fora ou ficando, internamente, nas mãos de poucos. Pela forma em que o Brasil vem inserindo no mundo globalizado, principalmente na década de 90, já sabemos com quem vai ficar as nossas riquezas, onde elas vão parar. No rasto da globalização está ficando um número significativo de miseráveis, os excluídos do consumo e da cidadania. A grande pergunta é: quem vai cuidar do número crescente de miseráveis que estão sendo gerados no Brasil e no mundo? Será que o capitalismo, por si só, criará os anticorpos para acabar com a pobreza? Ou será, ainda, necessária a intervenção do Estado? Será que o Estado mínimo encapado por FHC e outros defensores do

neoliberalismo tem, no fim do túnel, uma luz para resolver o problema da miséria que se alastra pelo Brasil e o pelo mundo?

O discurso usado nesta década, principalmente a partir do governo Collor, foi de inserir o Brasil na era globalizada e o caminho seria a abertura para o capital externo, via política cambial, taxas de juros atraentes, a privatização de empresas públicas. Como sempre, o resultado foi amplamente favorável aos grandes grupos econômicos.

O "grande trunfo" de FHC foi acabar com a inflação, que corroía os salários e prejudicava os trabalhadores assalariados. Verdade, mas o que foi feito além disso?

A dívida social agravada no governo FHC está se tornando insuportável. Os economistas do governo são frios e calculistas.

O "caldeirão Brasil" está fervendo. Há nele, sem terra, sem teto, sem saúde, sem educação, sem emprego, sem nada. Quem vai pôr mais lenha na fogueira? Pelo visto, será o próprio governo com sua inércia diante dos graves problemas em que passa o povo brasileiro.

LUÍS CÉSAR BUENO
É VEREADOR EM GOIÂNIA